

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XI



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1972

PERMANECE A URBANISTICA DE AQUAE FLAVIAE?

Há algum tempo, terminei a leitura do livrinho de Pierre Grimal intitulado «Les Villes Romaines», publicado em 1966, em 3.^a edição, na colecção «Que sais-je?». Apresentando esse autor uma gravura reveladora da coincidência de algumas das actuais artérias de uma povoação (Sta. Maria di Gapua Vetere) com os arruamentos da época romana, a mim me ocorreu a ideia de que, possivelmente, mais saliente exemplo constituirá o caso de Chaves, urbe sucessora da antiga Aquae Flaviae, quem sabe se dos melhores que nos dias de hoje ainda podem ser colhidos.

A hipótese de uma tal ou qual concordância entre a planta da vila medieval, hoje cidade, com a da antiga Aquae Flaviae, não é coisa inteiramente nova, pelo menos na mente de alguns flavienses. De resto, só quanto a pormenores se podem pôr problemas em discussão, pois que, quanto à coincidência da localização da urbe romana com a referida vila medieval, parece não se levantarem quaisquer dúvidas.

Abra-se uma planta da cidade. Marque-se nela o rectângulo formado pela muralha medieval da vila. O comprido arruamento com orientação leste-oeste que vai do Arrabalde, do ponto onde estava a principal entrada na povoação, até ao Anjo, muito naturalmente até àquela porta na muralha que pode ver-se já nos desenhos de Duarte de Armas (séc. xv), não corresponderá ao antigo decumano ?(*) E as ruas de Sta. Maria e do Correio Velho, bem paralelas a essa Rua Direita, não provirão elas dos tempos iniciais da povoação?

(*) Esta sugestão já foi apresentada por João Barreira, segundo se depreende do texto de págs. 412 e 413 do vol. Y do «Guia de Portugal» (direcção do Prof. Sant'Anna Dionisio).

Repare-se agora no quadriculado formado pelos pequenos quarteirões: não respeitará ele ainda hoje, de algum modo, o traçado que lhe tenha sido definido por gromáticos da Legião VII ? ^(x) Se tais quadrículas têm origem medieval ou mesmo posterior, coisa é essa para se estranhar, dado o tortuoso das ruelas que todos conhecemos nas velhas povoações. E note-se que, quanto se sabe, desde a fundação da nacionalidade até agora, nunca a vila, hoje cidade, sofreu qualquer processo violento de destruição, nem foi objecto de plano de reconstrução no estilo, por exemplo, dos projectos pombalinos.

Atente-se no Largo da Principal. Planta rectangular. Paralelo, no sentido do comprimento, à via decumana. Que me conste, nunca deixou tal recinto de ser público e desprovido de construções no seu interior. Tanto quanto sei, em redor dele estiveram sempre os edifícios das principais autoridades civis, militares e religiosas, com excepção para a antiga casa da Câmara, no entanto muito próxima. Lá estão a torre (a da Matriz) e o pórtico com os seus elementos românicos, de certo modo confirmando que na época à qual correspondeu esse estilo, o sítio era concorrido e importante. Já no tempo de Duarte de Armas nessa praça estava, talvez em extremidade oposta àquela em que está hoje, o relógio que regulava as horas da comunidade. Ainda agora, ao dar-se novo pavimento a essa praça, apareceu, além de apreciável quantidade de pequenas moedas em cobre, ao que parece quase todas romanas, as quais se perderam, um fragmento de lápide com inscrição honorífica muito incompleta, dedicada talvez a algum dos imperadores, outorgando-se-lhe o título de Pai da Pátria (PP). Sobre as bases de algum edifício público se terá talvez levantado a primeira Matriz. E não há conhecimento de outra, em sítio diferente. Do que não há dúvida é da existência nas paredes desse templo, fazendo parte delas, de vários blocos que bem mostram a cercadura tão usual na alvenaria romana. Não coincidirá o Largo da Principal com o *forum* de *Aquae Flaviae*?

(¹) Esta legião está, juntamente com dez povos (*civitates*), nomeada no padrão de Vespasiano hoje colocado sobre o lado de juzante da Ponte de Trajano, comemorativo não se sabe de que acontecimento. Do lado de montante está um outro, cuja inscrição diz dedicarem os aqui-flavienses aquela ponte ao imperador Trajano.

Poderá mesmo perguntar-se: a muralha medieval, na generalidade do seu traçado, não terá sido erguida sobre os alicerces de alguma fortificação romana da localidade, fortificação essa que depois fosse destroçada pelos bárbaros, pelos Almansores e pelos séculos? Que em um ou outro ponto dessa muralha aparecem pedras com o característico lavor referido, isso é certo. Podem provir, porém, de alguma outra edificação e não de muro de defesa. Quanto ao aparecimento de vestígios de construções, mesmo para habitação, fora desse perímetro, é coisa que não obsta: em relação àqueles tempos, como a outros posteriores, era frequente o limite fortificado ser excedido por essas construções.

Claro que podem encontrar-se dificuldades na confirmação do que fica sugerido. E desde logo me pergunto: qual das artérias actuais poderá corresponder ao antigo *cardo máximo*? A que parte do Postigo das Caldas, mais ou menos em linha direita, para o interior da povoação? Que no sítio do Postigo, mesmo existindo muralha, teria de haver uma passagem para as nascentes termais, isso é mais que razoável admitir-se.

Um pormenor que logo atrai a atenção de quem observe a planta da cidade é a falta de alinhamento da Matriz com o *decumano* e vias secundárias a este paralelas, quando, afinal, também a esse templo se deve ter pretendido dar a orientação leste-oeste. Mas há que ter em conta a informação do autor francês referido: os fundadores reportavam-se ao ponto de nascerça do Sol no dia da fundação, do que lhes resultava um Oriente apenas verdadeiro para esse dia («*Les Villes Romaines*», p. 14). Daí provirá talvez a aludida dificuldade de concordância.

A existir correspondência entre a actual Rua Direita e o primitivo *decumano* principal, não se estranhe o facto de este não atravessar bem a meio a figura rectangular do ópido. Isto sucedia em muitas outras cidades, ainda que marcadas no seu urbanismo pela influência romana, e, desde logo, pode verificar-se nas plantas apresentadas por P. Grimal. A forma de quadrado ou rectângulo perfeitos, com *decumano* e *cardo máximos* cruzando-se em ângulo recto bem a meio dessas figuras, é coisa para ser constatada apenas nos acampamentos militares e nas povoações fundadas em planície (veja-se o caso tão interessante de Timgad, no Norte de África). Parece-me até que o que é para se admirar, é a fidelidade aos prin-

cípios, neste caso de *Aquae Flaviae*; o que, de certo modo, nos leva a admitir o ter havido nisso interferência dos homens da Legião VII, aquela que, a propósito de facto hoje ignorado, se encontra mencionada em um dos padrões da Ponte de Trajano. Alguma vez se terá aí instalado um destacamento da dita legião, desses a que Garcia y Bellido se refere nas suas «Estampas», neste caso destinado ao policiamento geral da região e, em particular, da grande via Braga-Astorga que ali passava e transpunha o Tâmega? Se alguma vez teve lugar a instalação de tal destacamento, parece-me que então ainda melhor explicados ficavam o relativo rigor do rectângulo pomerial e a sua regular divisão, conhecido como é o sistema militar de delineamento dos seus *castra*.

Em um recente livro sobre vias romanas («Les Voies Romaines», de von Hagen, a p. 240), vejo uma alusão à *colonie située sur le rio Tâmega*. Esse autor, que aliás, peca por algumas imprecisões no parágrafo onde está contida essa referência, ao falar em colónia, provavelmente tinha em mente um estatuto jurídico-político da povoação, não querendo referir-se a colónia de veteranos militares. Quanto a esta última, não me recordo de ter visto nos autores qualquer referência a ela, colhida nos escritos dos antigos ou nos monumentos epigráficos. Claro que a ter existido tal colónia de veteranos, também a planta tão regular da urbe seria coisa inteiramente concordante: «...a colónia pode aparecer como o simples desenvolvimento do sistema do acampamento no qual a disciplina militar tinha formado os veteranos. As vantagens são evidentes: os lotes atribuídos a cada um são equivalentes...» (p. 15 do livro de P. Grimal citado).

Não cause estranheza o facto de que, ao falar do espaço urbano de *Aquae Flaviae*, se insista apenas no rectângulo imposto sobre a parte superior da elevação do terreno, parecendo não se ter em conta, por exemplo, os vestígios de construções, entre a muralha medieval e o actual liceu, já referidos por Tomé de Távora e Abreu, que os viu, e posteriormente por Ribeiro de Carvalho no seu «Chaves Antiga» e, mais recentemente, por outros autores ainda. É que essas construções terão nascido em época posterior, de riqueza e segurança; assim como a possível muralha romana de defesa, que referi aceitando a hipótese de se encontrarem os seus alicerces sob a muralha medieval, pode ter tido lugar mais

tardíamente ainda, em apressada defesa contra os bárbaros que vinham chegando, ficando de fora as referidas construções, como sucedeu em Gonimbriga e noutras localidades.

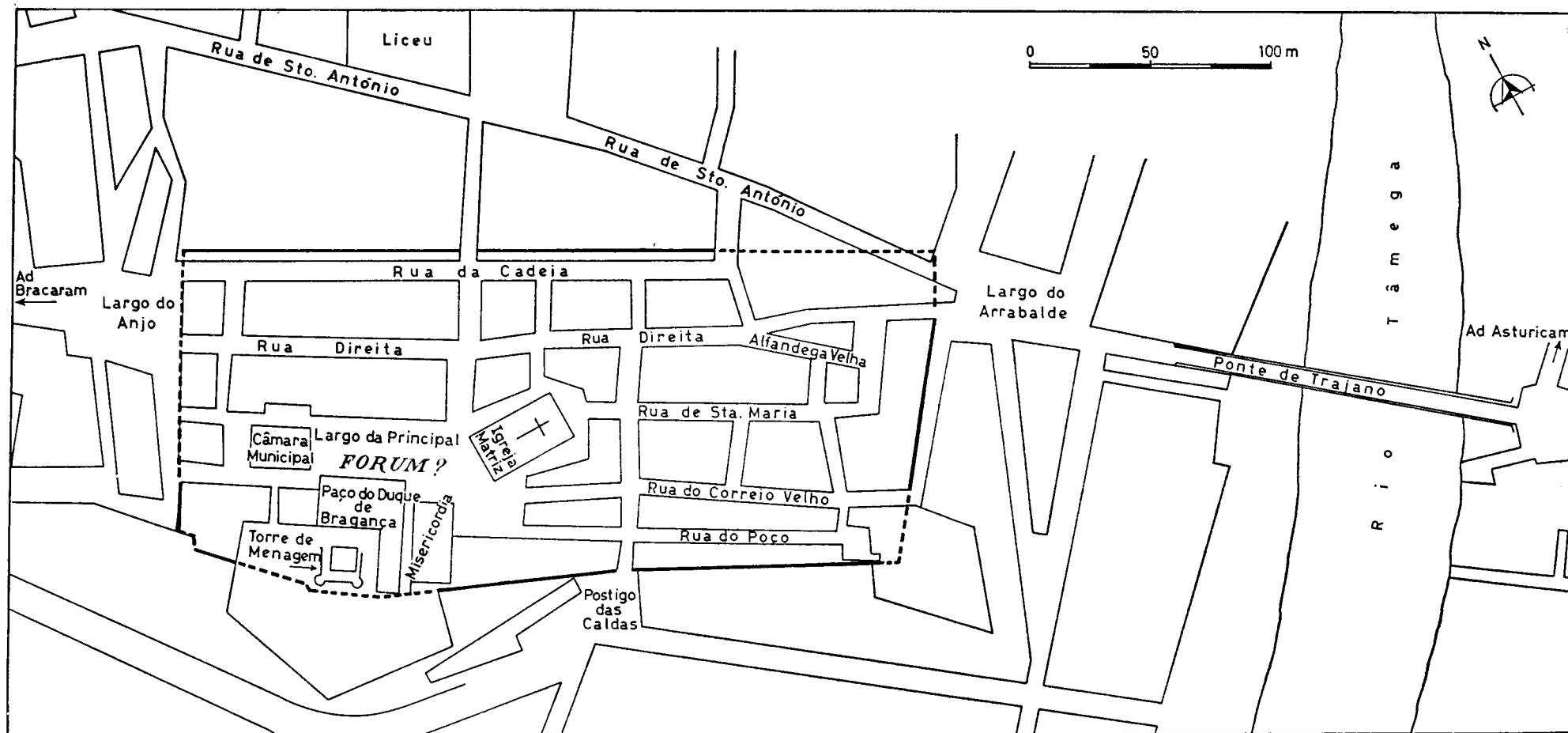
O que já é mais para se estranhar, é que nos referidos desenhos de Duarte de Armas, naquele que nos mostra o lado da fortaleza que dá para o rio, não se vê porta na muralha. E, no entanto, em função da ponte e da veiga, é como que de existência necessária essa porta. Pode ter havido lapso por parte do desenhador, mas também é possível que ela esteja sob a torre da esquina, encoberta por essa torre.

Termino perguntando: será demasiadamente inconsistente o conjunto de hipóteses propostas, difícil de aceitar por quem mais familiarizado com estas matérias, melhor possa coordenar os dados apresentados e concluir utilmente?

Julho de 1971.

ANTÓNIO MONTALVÃO

(Página deixada propositadamente em branco)



Planta de Chaves